

Fundo Nacional do Meio Ambiente FNMA
Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte - AACCRN
Projeto de Apoio às Iniciativas Locais de Desenvolvimento Sustentável no Bioma Caatinga

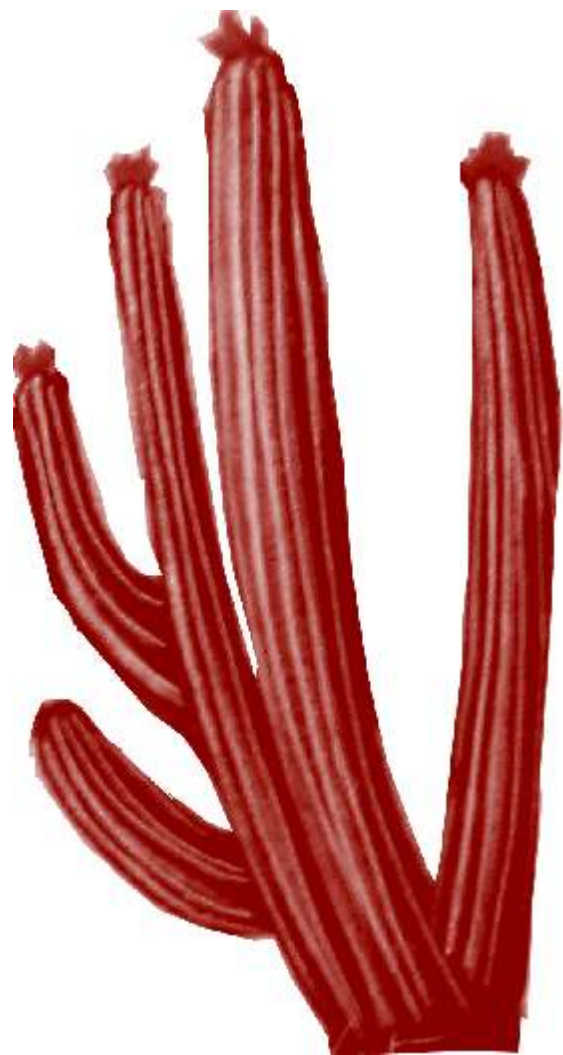


EXPERIÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BIOMA CAATINGA



Fundo Nacional do Meio Ambiente FNMA
Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte - AACC/RN
Projeto de Apoio às Iniciativas Locais de Desenvolvimento Sustentável no Bioma Caatinga

EXPERIÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BIOMA CAATINGA



Natal, março de 2006

Direitos autorais - 2006 - Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte - AACC/RN
Permitida a reprodução desde que citada a fonte.

FICHA TÉCNICA:

Texto base:

Geraldo Barboza
Hildemar Peixoto

Organização:

Antonia Geane Costa Bezerra

Projeto Gráfico e Editoração:

Ciranda Comunicação
Jornalista responsável: Cida Ramos RN00793JP
Ilustrações: Tiago Vicente

Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte - AACC/RN

ESCRITÓRIOS

Natal

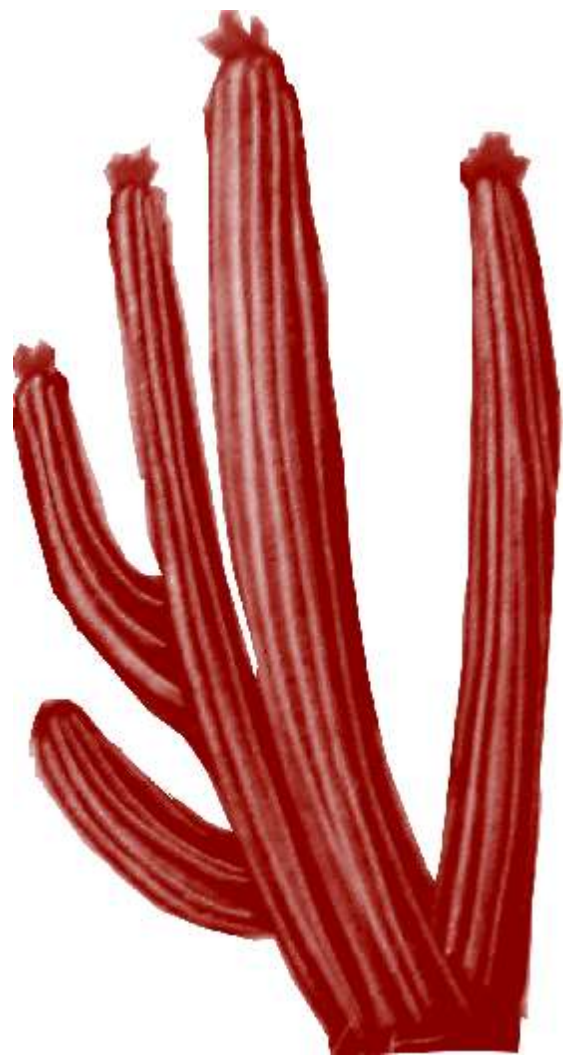
Rua Doutor Múcio Galvão, 449, Lagoa Seca - CEP - 59022-530
Telefones - 84.3211.6131/3211.6415
E-mail: aaccm@aaccm.org.br

Mossoró

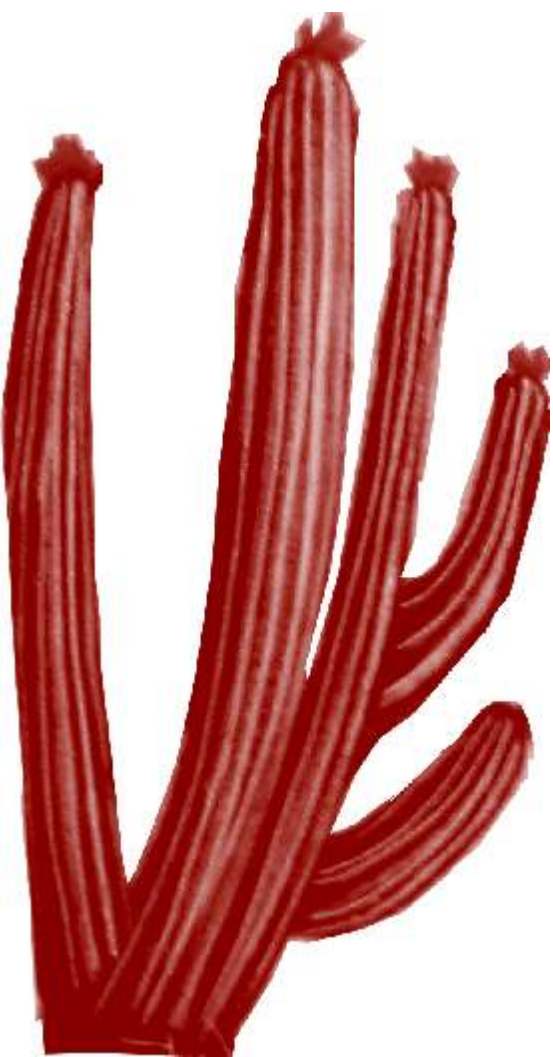
Rua Coronel Gurgel, 815, Centro - CEP - 59600-200
Telefone - 84. 3316.4499

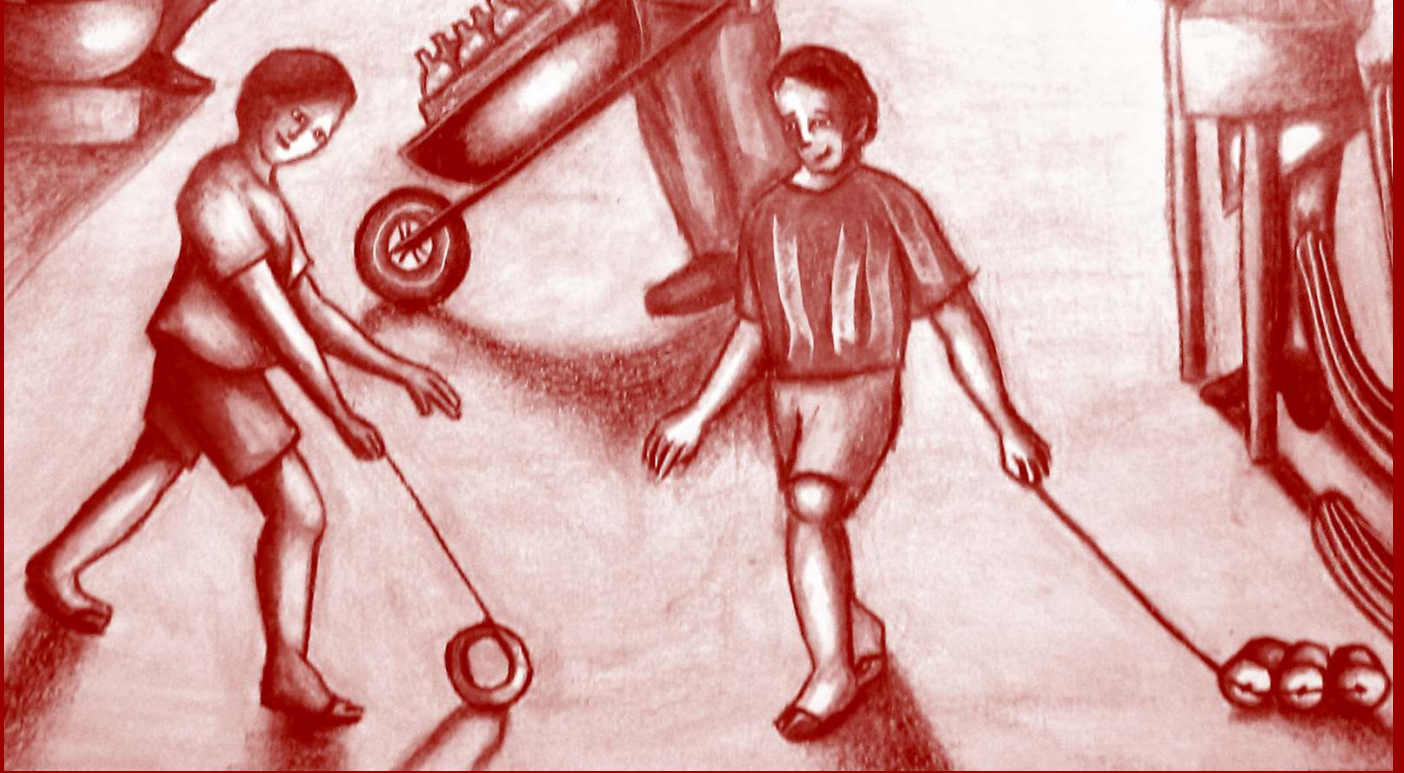
Fundo Nacional do Meio Ambiente FNMA
Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte - AACC/RN
Projeto de Apoio às Iniciativas Locais de Desenvolvimento Sustentável no Bioma Caatinga

EXPERIÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BIOMA CAATINGA



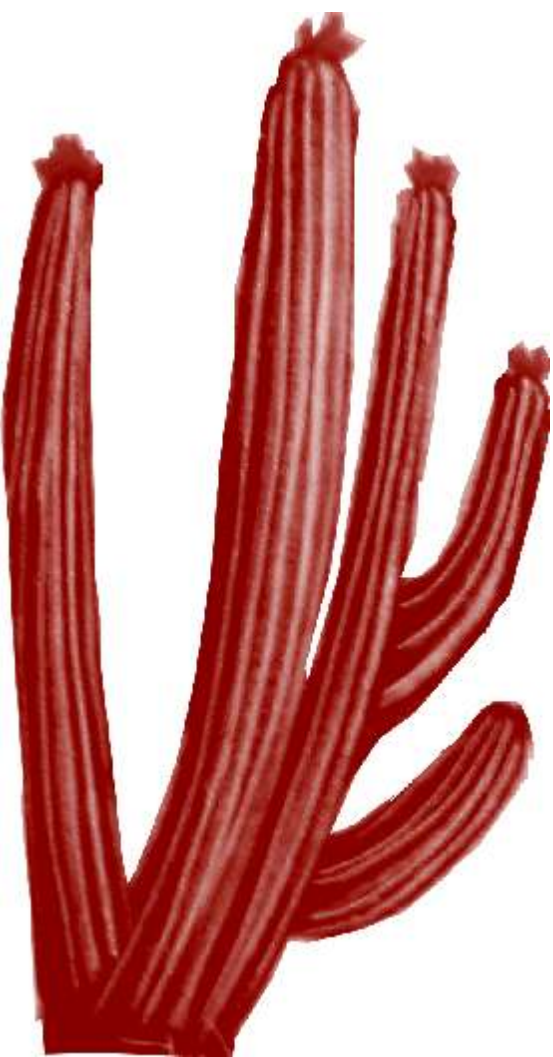
Natal, março de 2006

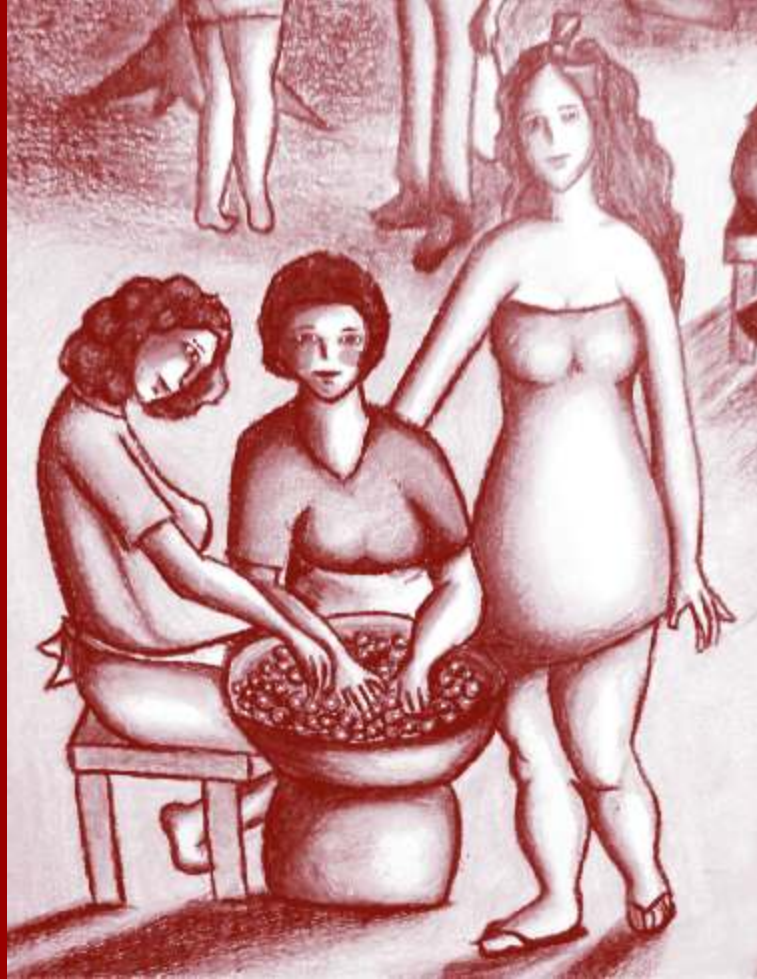




SUMÁRIO

1	Apresentação	9
2	Relação dos projetos desenvolvidos	11
3	Apresentação detalhada de cada projeto	13
3.1	Projeto 1 - Uso sustentável da Caatinga em Caroolina.	14
3.2	Projeto 2 - Adoção do Sistema Agrossilvipastoril	19
3.3	Projeto 3 - Papéis Alternativos da Carnaúba	23
3.4	Projeto 4 - Rio, Educação e Floresta	27
3.5	Projeto 5 - Manejo Sustentável da Caatinga e Preservação Ambiental	31
3.6	Projeto 6 - Plantas Nativas para Geração de Renda	35
3.7	Projeto 7 - Meliponicultura e Manejo da Caatinga	41
3.8	Projeto 8 - Educação, Meio ambiente e geração de renda	45
3.9	Projeto 9 - Rede de Cooperação dos Extrativistas de Carnaúba de Miraíma . .	48
3.10	Projeto 10 - Uso de tecnologias alternativas para o suprimento de água e energia na produção de base familiar no semi-árido pernambucano	51
4	Considerações finais.	55
	Contatos das entidades gestoras dos projetos apresentados	57





1

APRESENTAÇÃO

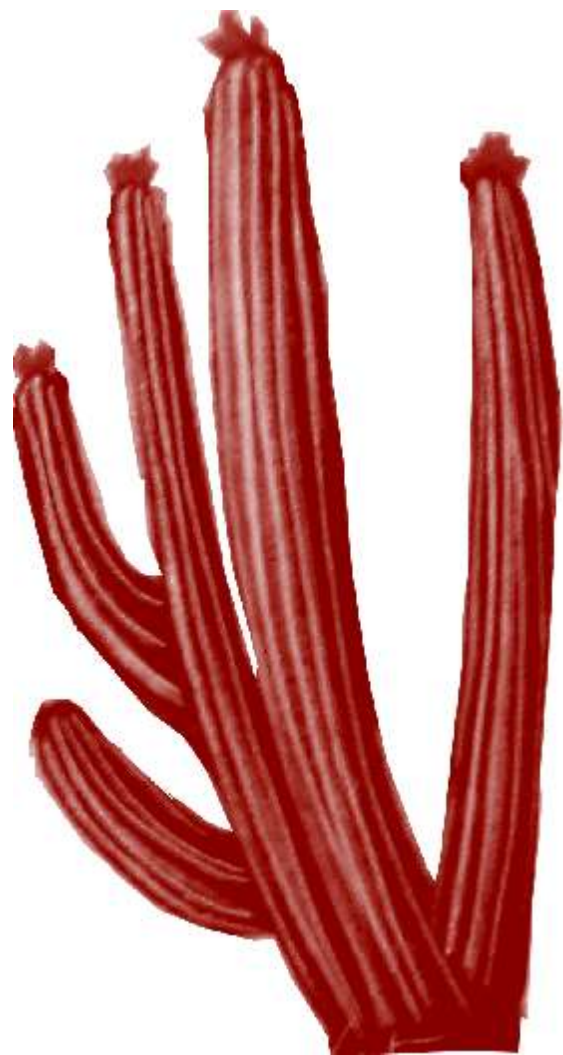
Esta cartilha trata de apresentar as experiências propostas e implementadas no âmbito do Projeto de Apoio às Iniciativas Locais Sustentáveis do Bioma Caatinga, chamando a atenção para sua descrição, antecedentes e resultados alcançados.

É fruto de uma parceria celebrada entre o Fundo Nacional do Meio Ambiente - FNMA e a Associação de Apoio às Comunidades do Campo - AACC, que teve como objeto “Fomentar experiências-piloto de auto-gestão e co-gestão dos recursos naturais do bioma caatinga, capazes de elucidar alternativas recriáveis para a convivência com o semi-árido

nordestino e para a geração de capacidades locais que possam gestar a preservação, a melhoria e a ampliação da vida a partir das potencialidades de seu próprio lugar”.

Sua estrutura conta com a apresentação do conjunto dos projetos desenvolvidos e na seqüência, entra-se no cerne do relatório, quando se expõe, de forma detalhada, cada projeto – desde a sua descrição, passando pelo seu desenvolvimento, até os resultados alcançados. É importante, esclarecer que o conteúdo da descrição das experiências foi extraído do relatório de uma consultoria externa de avaliação, realizada em todos os projetos.

Com isso pretende-se fornecer um instrumento para que as organizações que atuam no bioma Caatinga possam conhecer experiências que apresentam relevantes estratégias de convivência com o semi-árido, estratégias viáveis de serem adaptadas, reproduzidas ou recriadas, com potencial para promover a agregação de valor aos produtos naturais, a elevação do nível de aproveitamento dos recursos naturais, a conscientização ambiental, a mobilização social e a mitigação de práticas impactantes, contribuindo acima de tudo para uma sociedade sustentável.





2

RELAÇÃO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS

Foram dez os projetos selecionados e contratados pelo Projeto de Apoio às Iniciativas Locais Sustentáveis – AACC/FNMA, conforme quadro 1 abaixo – Relação dos projetos contratados, com descrição do título do projeto, localização e entidade executora.

A Coordenação da AACC decidiu sistematizar e publicar uma síntese de todas as experiências, sem medida de julgamento do alcance dos resultados tanto em termos de quantidade como de qualidade.

A análise das informações levantadas nos relatórios parciais das instituições e da leitura do relatório de avaliação levou a concluir que todas

em maior ou menor grau alcançaram resultados valiosos e merecedores de publicidade, considerando os critérios descritos no Roteiro para Elaboração de Projetos, como os que seguem abaixo:

- Capacidade de continuidade independente do financiamento do projeto pelo FNMA;
- Capacidade de agregação de parceiros potencializando e dando suporte ao projeto;
- Projetos que tinham fortes antecedentes ligados ao projeto apresentado, advindos da maturidade organizacional da instituição executora e da identidade desta com os grupos sociais de atuação do projeto implementado;
- Apresentaram produtos e resultados sociais, econômicos e ambientais decorrentes da execução do projeto em sua área de influência e adjacências, com destaque para a contribuição do projeto para a proteção e conservação do bioma caatinga.

Quadro 1 Relação dos Projetos Contratados

Projeto	Localização	Instituição Executora
Uso Sustentável da Caatinga em Caroolina	Sertânia, PE	APNE
Adoção do sistema agrossilvipastoril.	Quixeramobim, CE	Fundação Chapéu de Couro
Papéis alternativos da carnaúba.	Pendências, RN	Fundação Félix Rodrigues
Rio, educação e floresta	Sobral, CE	Instituto de Ecologia Social Carnaúba
Manejo sustentável da caatinga e preservação ambiental.	Campo Grande, RN	Cooperativa Sertão Verde
Plantas Nativas para Geração de Renda	Mirandiba, PE	CECOR/CONVIVER
Meliponicultura e Manejo da Caatinga	Soledade e Puxinanã, PB	PATAC
Educação, Meio Ambiente e Geração de Renda	Lagoa Salgada, Lagoa de Velhos, Ielmo Marinho e João Câmara, RN	GRUPO COLMÉIAS
Rede de cooperação dos extrativistas de carnaúba	Miraíma, CE	Instituto Sertão
Irrigação à Energia Solar para Agricultura Familiar	Afogados e São José do Egito – PE	Naper Solar



3

APRESENTAÇÃO DETALHADA
DE CADA PROJETO

3.1 PROJETO 1 - USO SUSTENTÁVEL DA CAATINGA EM CAROALINA

3.1.1 Descrição do Projeto 1, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Uso sustentável da Caatinga em Caroalina” e foi desenvolvido no município de Sertânia, estado de Pernambuco, através de uma ação que teve como proponente a APNE - Associação Plantas do Nordeste.

b) Objetivo:

Contribuir para a adoção de técnicas de uso sustentável da Caatinga, promovendo a geração de renda e buscando melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais no distrito de Caroalina – Sertânia, PE.

1. Introdução e desenvolvimento do manejo florestal e silvopastoril da Caatinga, em propriedades pilotos;
2. Melhoria da produção de carvão vegetal, através de fornos melhorados e maior controle do processo produtivo;
3. Desenvolvimento de atividades produtivas a partir de plantas nativas, medicinais e do caroá.

c) Metas:

1. Implementar o manejo florestal e silvopastoril da Caatinga em seis propriedades rurais de pequeno porte (de base familiar) até o final do projeto, visando a produção sustentável de lenha e/ou carvão vegetal e o aumento da capacidade de suporte animal, respectivamente.
2. Avaliar o desempenho dos fornos tradicionais e melhorados no primeiro semestre a partir da operacionalização do Projeto, e implementar tecnologia melhorada de produção de carvão desde o processo de exploração da lenha até a comercialização em, no mínimo, 9 unidades de produção nos últimos dois semestres do desenvolvimento do Projeto.
3. Implementar, de forma permanente, uma horta-viveiro comunitária para a produção de plantas medicinais, frutíferas e forrageiras nativas na comunidade de Caroalina.
4. Implementar uma unidade piloto comunitária de beneficiamento e produção artesanal de caroá, funcional até o final do Projeto.

d) Resultados esperados:

- Resultados operacionais:
 - 6 planos de manejo florestal e/ou silvopastoril simplificados em execução;
 - 9 fornos de carvoejamento melhorados implantados e operacionais;
 - 1 horta-viveiro permanente implantada e operacional;
 - 1 unidade piloto de beneficiamento de caroá implementada e operacional;
 - Envolvimento concreto da escola nas ações da comunidade;
 - Comunidade com significativo ganho de capacidade organizacional.

e) Orçamento:

AACC-RN: R\$ 34.852,50

Contrapartida: R\$ 26.846,00

Custo total do Projeto: R\$ 61.698,50

f) N° de beneficiários: 20 famílias**3.1.2 Análise do Projeto 1****a) Contextualização:**

A Associação Plantas do Nordeste – APNE, proponente do projeto, já tinha uma relação de trabalho com as comunidades de Caroalina. Isso porque desde 2001 vem trabalhando nestas comunidades através do “Projeto Madeiras” de “manejo sustentado da vegetação lenhosa da caatinga, com ênfase à produção de lenha para uso doméstico das comunidades do nordeste do Brasil”, que “consiste em um projeto de pesquisa básica e aplicada sobre as melhores técnicas de produção de lenha (e, portanto, carvão) para as principais espécies da Caatinga”.

A APNE tem base em Recife, é bastante articulada e tem rico histórico de parcerias e ações junto aos organismos públicos, como a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Pernambuco – SECTMA, o Instituto de Pesquisa Agropecuária de Pernambuco – IPA, o próprio FNMA e o Ministério do Meio Ambiente. Todo esse capital social e técnico acumulado foi trazido pela APNE para dentro do Projeto “Uso Sustentável da Caatinga em Carolina”.

b) Desenvolvimento das ações:

As atividades e metas foram sendo adaptadas de acordo com as condições da comunidade e o desenvolvimento do projeto ficou integrado aos passos e resultados do Projeto Madeiras.

Toda a proposta do projeto se deu no sentido de estudar e testar alternativas de convivência e de produção na caatinga que questionam a cultura econômica e social vigente. Sensibilizar as comunidades e fazê-las enxergar que a forma como suas famílias ganham a vida precisa mudar não é fácil. Mobilizá-las para fazer experiências com outros modelos mais sustentáveis depende da comprovação de resultados objetivos e rápidos.

Os resultados específicos do projeto demoraram. Foi aí que a APNE, usando suas redes de articulações institucionais, conseguiu alocar recursos de outros parceiros para incrementar a capacidade de respostas do projeto. Trouxe parceiros como o SEBRAE e a PETROBRAS - FOME ZERO para colaborarem em ações estratégicas e complementares.

A partir daí os resultados começaram a aparecer em toda a comunidade de Cardealina, não só para as famílias diretamente envolvidas. Em termos de atividades associativas o destaque foi para o desenvolvimento do grupo de mulheres e suas produções de viveiro de mudas de plantas medicinais, de farmácia popular de medicamentos caseiros e de papel do caroá. Já com relação às capacitações foram realizados cursos sobre construção e utilização de fornos, coleta de materiais na mata, produção de medicamentos caseiros (pomadas, xaropes e outros produtos), elaboração de papel de caroá, além de intercâmbios para conhecimento dos grupos de outras experiências, como aproveitamento do caroá, por exemplo.

As 4 metas foram implementadas com determinadas mudanças advindas da interação com as condições locais. O viveiro previsto inicialmente para plantas nativas de reflorestamento e fruteiras, foi convertido para viveiro de plantas medicinais. E a unidade piloto para beneficiamento do caroá acabou abrigando também uma unidade de produção de medicamentos caseiros (farmácia viva).

As metas 1 e 2 envolveram, principalmente, os homens, porque a prioridade dos fornos era das pessoas envolvidas também com o manejo. O público envolveu doze famílias. Nove delas participaram da construção dos fornos e de seis a oito se envolveram com o manejo sustentável.

O grupo de mulheres, que teve início com a participação que variava de 10 a 12 mulheres, foi reduzido a um grupo um pouco menor com 8 mulheres participando.

Esse público esteve contemplado pelas metas 3 e 4 com as atividades de formação do viveiro comunitário para a produção de plantas nativas e medicinais (fitoterápicos), xaropes, pomadas, artesanato a partir do caroá, papel de caroá e material de fibra. A experiência desenvolvida pelas mulheres está consolidada com a manutenção do viveiro e a produção do artesanato.

Inicialmente o projeto não resultou em um aumento efetivo de renda para seus participantes. Isso gerou insatisfações e baixas nos grupos participantes.

“Quem faz mais dinheiro num mês faz R\$ 60,00”

“Várias mulheres deixaram o grupo. Agora tem outras querendo entrar”

“Os maridos e filhos no começo não entendiam e nem davam valor. A comunidade mesmo via a gente atravessado. Agora tão aceitando mais...”

“O trabalho aqui é muito divertido e prazeroso. Bem diferente do trabalho com a lenha e o carvão”

A APNE buscou alternativas de resultados mais apropriados às expectativas da comunidade através de outros projetos complementares. A instituição conseguiu alavancar benefícios comunitários da ordem de R\$ 500,000 junto ao SEBRAE, à PETROBRAS - FOME ZERO e a uma entidade de cooperação da Bélgica. Também construiu parcerias com a Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente para as atividades de formação em fornos; o IPA – Instituto Agrônomo de Pernambuco nas capacitações para coleta de materiais, produções de xaropes e pomadas; a UFPE – Universidade Federal de Pernambuco no apoio à produção de papéis de caroá; a Prefeitura local e produtores que não estavam inseridos no projeto, mas doaram áreas para construção do viveiro, por exemplo.

Assim, o projeto, indiretamente, contribuiu com a urbanização da vila de casas do

distrito de Caroalina. Foram construídas praças, todas as casas foram pintadas, a Igreja e a escola foram reformadas, o viveiro do projeto foi integrado a uma área de lazer e aulas práticas ao lado da escola etc. O impacto social do projeto acabou sendo muito maior que o impacto econômico-produtivo pretendido. Essa foi a forma de sensibilizar e atrair a atenção e o envolvimento da comunidade.

c) Resultados alcançados:

A proposta do Projeto “Uso Sustentável da Caatinga em Caroalina” se apresentou muito bem montada tecnicamente e mostrou grande capacidade de articulações e relações externas. Conseguiu com isso aportar um significativo volume de recursos e promoveu grandes melhorias para o dia-a-dia dos comunitários de Caroalina. Como bem disse um comunitário: “a comunidade agora é outra, tem outra cara...”.

Foram bem projetados e executados os objetivos e metas de estudos das madeiras e forrageiras da caatinga. O projeto deu respostas significativas do ponto de vista social e ambiental. Por outro lado, faltaram as respostas econômicas para fechar o tripé da sustentabilidade. A capacidade de empoderamento foi forte. Hoje os homens percebem e respeitam as ações das mulheres porque vêem que conseguem trabalhar e ter a geração de renda.

A qualidade do papel produzido hoje em dia é muito melhor do que o produzido na etapa inicial, pois a experiência foi melhorando a qualidade do material do caroá, que passou a ser usado na produção de outros produtos como bijuterias e produtos em fibra.

A participação e o envolvimento da escola local nas ações da comunidade foram outros resultados alcançados. Os/as alunos/as participaram de ações mantidas pelas mulheres no viveiro. Era comum participarem de formações e atividades desenvolvidas pelo grupo das mulheres.

“Acreditávamos em toda a iniciativa e até hoje a gente continua agindo no local. Hoje é uma referência o nosso trabalho com o projeto. O grupo de mulheres é um outro exemplo do desempenho atingido.” (técnico da APNE)

“O Projeto deu vida nova para toda comunidade”

“É gratificante. A gente se sente importante, respeitada pelas pessoas que vem aqui visitar e comprar os medicamentos e artesanatos”

3.2 PROJETO 2: ADOÇÃO DO SISTEMA AGROSSILVIPASTORIL

3.2.1 Descrição do Projeto 2, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Adoção do Sistema Agrossilvipastoril” e foi desenvolvido no município de Quixeramobim, estado do Ceará, com o apoio da Fundação Chapéu de Couro.

b) Objetivo:

Implantação do sistema agrossilvipastoril, como uma opção para o semi-árido nordestino, em especial, quixeramobinense, como forma de desenvolvimento sustentável para o município.

Pretende-se propor um modelo baseado no manejo agrossilvipastoril desenvolvido pela EMBRAPA Caprinos, Sobral, Ceará, que em 1997 implantou um experimento sobre o sistema de produção, cujos objetivos são:

- Fixação da agricultura;
- Adequação do manejo pastoril;
- Racionalização da extração madeireira;
- Forte integração destas três atividades.

c) Metas:

1. Manejar uma área de 12ha de caatinga, dentro da escola agrícola, dividida em três parcelas: agrícola, pastoril e silvipastoril, com início previsto para julho de 2002.
2. Capacitação de 150 produtores e técnicos, em 5 cursos de 40 horas, totalizando 200 horas, distribuídas entre junho e dezembro de 2003.
3. Consultorias a produtores rurais para implantação do sistema de produção em 75 propriedades, realizadas em quatro horas/beneficiário, totalizando 300 horas, com realização prevista para julho a dezembro de 2003.

d) Resultados esperados:

1. Eliminar o uso do fogo no preparo do solo destes produtores rurais;
2. Reduzir o desmatamento de suas propriedades, sem haver perdas de produção e produtividade das culturas;

3. Melhorar a fertilidade dos solos, mediante a incorporação de maiores teores de matéria orgânica;
4. Proporcionar um uso do suporte forrageiro compatível com a sua real capacidade;
5. Aumentar o ganho de peso dos bovinos, ovinos e/ou caprinos;
6. Evitar o uso de agrotóxicos;
7. Propiciar um melhor aproveitamento das espécies vegetais nativas, seja como pasto apícola, seja como madeira de uso doméstico, ou com fins medicinais;
8. Contribuir para uma consciência ecológica dos produtores rurais.

e) Beneficiários: 75 famílias

f) Orçamento:

AACC/RN: R\$ 23.387,00

Contrapartida: R\$ 11.400,00

Custo total do projeto: R\$ 34.787,00

3.2.2 Análise do Projeto 2

a) Contextualização:

A Fundação Chapéu de Couro é uma instituição que tem uma missão diretamente relacionada com o conceito de bem-estar social no semi-árido. Tem também uma visão interdisciplinar e objetiva com relação a atuação desta instituição na construção de parcerias com outros segmentos da sociedade local. Por fim, a inclusão de uma perspectiva acadêmica na elaboração do projeto, primando na sua metodologia por atitudes de experimentação e análise das ações executadas.

A idéia do projeto era propor um modelo baseado no manejo agrossilvipastoril desenvolvido pela EMBRAPA Caprinos, Sobral, Ceará, que em 1997 implantou um experimento sobre o sistema de produção. Assim, a proposta inclui não só a pesquisa na estação experimental, como também sua validação em unidades de produção familiar (pequenas propriedades rurais, onde a mão-de-obra predominante é da própria família). O cerne do sistema é a divisão da área em três parcelas de iguais dimensões, uma das quais é destinada à exploração agrícola, outra à atividade pastoril e uma terceira à produção madeireira.

b) Desenvolvimento das ações:

O projeto de adoção do sistema agrossilvipastoril em Quixeramobim, ao longo de sua execução, realizou várias ações que foram bases para o êxito deste.

Em relação ao assentamento, foram trabalhados 10 hectares e deixados 2,5 hectares para reserva. Os cursos, oficinas e consultorias prestados aos assentados resultaram numa mudança de atitude em relação ao meio ambiente e houve uma replicabilidade do programa de manejo agrossilvipastoril implantado na área da escola.

A escola foi plenamente envolvida no projeto através da atuação de seus alunos e de mudanças na grade curricular e na própria estrutura da escola, que se adaptou ao projeto. A escola passou a ser um campo de experiências-piloto em relação ao manejo agrossilvipastoril, agregando profissionais da EMBRAPA; o que deu vida nova a escola, que adotou a discussão sobre agroecologia em seu cotidiano. 186 alunos foram integrados no projeto e a escola que funciona com ensino agrícola em nível fundamental implementou uma horta orgânica.

A sociedade civil e os poderes públicos também foram envolvidos nas ações do projeto. Uma parceria deste com a prefeitura e o Sebrae garantiu a execução de diversas ações que resultaram numa maior visibilidade das ações.

Com relação aos assentamentos, basta dizer que foram ministrados cursos e consultorias para os mesmos. Especificamente, no assentamento Nova Ladeira houve uma replicação do manejo agrossilvipastoril. Muito importante foi a visita de campo que os agricultores realizaram em Sobral em uma área de manejo da caatinga.

O último aspecto diz respeito a visibilidade e alcance deste projeto no município. A partir das ações deste projeto foi instituído o Dia do Campo em Quixeramobim com a participação da Prefeitura Municipal e do Sebrae. Este último ampliou, a partir do projeto, sua discussão sobre agricultura orgânica para a região.

O projeto teve um alcance além da área geográfica do município de Quixeramobim e foi apresentado em outros municípios constituindo um exemplo de êxito na convivência com o semi-árido.

c) Resultados alcançados:

O projeto Adoção do Sistema Agrossilvipastoril executado pelo Instituto Chapéu de Couro é de uma importância peculiar. A inter-relação estabelecida entre a produção do conhecimento através da escola agrícola e a implementação de uma

alternativa de convivência com o semi-árido é o grande ganho de causa.

No Projeto de Assentamento as observações dos agricultores são claras. Eles dizem que a aplicação do manejo melhorou o “sequeiro” e facilitou a criação do gado. A manutenção de árvores e a não queimada do solo mostraram vantagens absorvidas.

“O curso de manejo aqui no assentamento foi muito importante para nós. Hoje nós vemos que é possível criar gado no sequeiro; desde que este seja melhorado. E isso, nós aprendemos a fazer. Antes a gente mudava a natureza para pior. Hoje é o contrário. A natureza está melhorada depois que a gente entendeu que é preciso e possível melhorar o sequeiro para o gado. A gente viu que o gado, como a gente, gosta de sombra. Agora sempre tem verde na área do gado.” (Agricultor)

Por fim, basta o reconhecimento da ação desenvolvida pelo Instituto Chapéu de Couro com uma parceria de maior significação a escola agrícola. O projeto de manejo sustentável da caatinga desenvolvido pelo Instituto tem todas as recomendações necessárias para a sua implementação com maiores recursos em outros municípios.

“Este projeto foi muito feliz. Desde à sua concepção até a execução final. Conseguimos resultados além do que esperávamos. Toda a escola foi participativa em relação a este. A sociedade local também. No assentamento Nova Ladeira, o projeto foi aplicado e é visto, hoje, o resultado do que nós acreditamos. Uma agricultura feita para a região do semi-árido, valorizando as nossas características. Sem esse olhar de passividade em relação ao nosso meio ambiente. A escola mudou com o projeto. Aqui temos alunos que moram em assentamentos e na zona rural. Isso foi um fator importante. Estes discutiam com os pais as inovações que estávamos propondo. Na prática, a visão de agroecologia saiu do papel e foi para a vida dos agricultores.” (técnico do Instituto)

3.3 PROJETO 3 - PAPÉIS ALTERNATIVOS DA CARNAÚBA

3.3.1 Descrição do Projeto 3, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Papéis Alternativos da Carnaúba” e foi desenvolvido no município de Pendências, microrregião do Vale do Açu, Estado do Rio Grande do Norte, através da entidade proponente Fundação Félix Rodrigues.

b) Objetivo:

Buscar novas alternativas de utilização da carnaúba, criando oportunidades de ocupação e geração de renda com a produção do papel artesanal a partir de sua fibra e contribuindo para a sua preservação enquanto planta característica da micro-região do Vale do Açu.

c) Metas:

1. Realização de 4 oficinas sobre a produção do papel de carnaúba e suas aplicações, com 60 horas/aula cada, atendendo um total de 60 alunos;
2. Formação do Núcleo de Produção do Papel da Carnaúba com a participação de 12 artesãos, selecionados entre os que mais se destacaram nas oficinas, para a consolidação do trabalho de transferência da tecnologia de produção do papel e do seu aperfeiçoamento e aplicações durante 12 meses.

d) Resultados esperados:

1. Sessenta pessoas capacitadas em produção de papel de carnaúba e suas aplicações
2. Formação de 12 artesãos multiplicadores da tecnologia de produção de papel e do seu aperfeiçoamento
3. Consolidação do trabalho de transferência da tecnologia de produção de papel
4. Criação de oportunidade de ocupação e geração de renda a partir de novas alternativas de utilização da carnaúba.

e) Beneficiários: 60 pessoas

f) Orçamento:

AACC: R\$ 35.000,00

Contrapartida: R\$ 10.200,00

Total: R\$ 45.200,00

3.3.2 Análise do Projeto 3**a) Contextualização:**

Os fundamentos do Projeto estão vinculados ao Projeto TECENDO O FUTURO, desenvolvido pela Fundação Félix Rodrigues desde o ano 2000 em convênio com a Secretaria do Trabalho, da Justiça e da Cidadania e SINE-RN, integrando-se desde aquele ano ao Programa Estadual de Qualificação do trabalhador no Rio Grande do Norte.

O papel da carnaúba pode ser uma alternativa econômica para pequenos produtores da região do Vale do Açu. Visto dessa forma, a iniciativa vinha sendo objeto de discussão e investigação por setores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) preocupados com o desmatamento indiscriminado do carnaubal naquela região, destacando-se dentre estes o Núcleo Temático da Seca, coordenado pela Profa. Terezinha de Queiroz Aranha, agregando professores de várias disciplinas.

Com a parceria estabelecida entre o SINE-RN e a Fundação Félix Rodrigues, é viabilizada a transferência de tecnologia da produção do papel a partir de sua sistematização, desenvolvida no Laboratório de Tecnologia de Tenso ativos do Departamento de Química e repassada a artesãos da cidade de Pendências através de cursos de qualificação profissional ministrados nos anos 2000 e 2001. Para o ano 2002, a Fundação Félix Rodrigues apresentou a proposta de novos cursos nessa área, tendo sido aprovada pelas instâncias competentes, responsáveis pelo PEQ-RN 2002.

b) Desenvolvimento das ações:

A Fundação Félix Rodrigues, durante o período de 12 meses, investiu com um retorno considerável em pesquisas sobre tecnologias relacionadas à fabricação de papel a partir da carnaúba e outras plantas. Houve oficinas de capacitação técnica com artesãos vindo de outros estados. O grupo surpreendeu pela sua capacidade de agregar valores aos materiais descobertos. Foram fabricados papéis com folha da carnaúba, da bananeira, da coroa do abacaxi, da folha do crotá, e está em

experimentação um papel criado a partir das folhas e da casca do maracujá. Foram agregadas novas tecnologias a partir do papel fabricado.

Com relação à criação de ocupação e geração de renda, o grupo não teve o êxito esperado. Inicialmente, as pessoas estavam integradas e individualmente satisfeitas pela bolsa-salário. Havia a segurança financeira e a assistência técnica ao grupo oferecida pela Fundação Félix Rodrigues, o que possibilitou participações em feiras e eventos, assim como produções de artigos para artistas e órgãos públicos e privados. Contudo, com o término da bolsa, o grupo ainda não havia adquirido maturidade como grupo de cooperados. Ao que tudo indica, as capacitações na área de gestão social e financeira do grupo, foram insuficientes.

“Eu já fazia artesanato de tecido. Fazia fuxico, bordado e resolvi aprender a fazer papel reciclado. Foi muito bom para mim que vivo em casa e às vezes não tenho muito que fazer. Não foi muito bom porque, quando acabou a bolsa acabou, também, o dinheiro. Eu acho que o problema é que falta apoio da prefeitura e aqui em Açú não tem como a gente vender o que produz”. (artesã)

O grupo criou diversos produtos a partir do papel como pastas-fichários, encadernação de livros, bolsas e abajur. Neste aspecto, a Fundação Félix Rodrigues teve um êxito além do esperado. O grupo soube explorar seu potencial criativo na descoberta de novos materiais a partir das experiências com a carnaúba.

As atividades previstas foram realizadas e as metas traçadas foram alcançadas. As oficinas para a produção de papel de fibras diversificadas foram cumpridas, provocando uma nova visão para as pessoas; também foram realizados cursos sobre gestão, associativismo, produção e mercado.

No entanto, o grupo continuou com dificuldade para saber o preço de custo dos produtos elaborados e não consegue realizar cálculos de custo para venda local e externa.

O Grupo de Artesãos constituídos por jovens e mulheres apresenta limitações estruturais e operacionais. O grupo depende da utilização do espaço físico da Fundação para realização de suas atividades e ao mesmo tempo passa por uma dificuldade de manter um grupo de atividades permanentes. Vários fatores contribuem para isso como, por exemplo, a abertura de novas oportunidades de

trabalho proporcionado pela expansão da atividade de carcinocultura no município.

“Não existe mercado local para vender os nossos produtos. Estou tentando me manter no grupo, mas é difícil, porque não temos condições de sair para vender nossos produtos fora. Que é onde a gente pode vender e as pessoas sabem dar mais valor ao que nós fazemos. Aqui hoje, quem quer ganhar dinheiro vai para trabalhar com o camarão.”(artesão)

c) Resultados alcançados:

O projeto foi da maior importância por descobrir e treinar talentos locais para uma atividade ecologicamente correta. Com relação ao conhecimento técnico da produção de papel a partir da carnaúba, o grupo adquiriu uma capacidade criativa além do esperado. Também houve uma superação de expectativas com relação à diversificação de objetos a partir do papel, como blocos de anotações, luminárias, embalagens e cestos.

A participação do grupo em diversas oficinas e exposições possibilitou a criação de um banco de informações que foram processadas e articuladas com o potencial humano e ambiental local. Os artesãos criaram outras variedades de papel com outros materiais como a folha de bananeira, a coroa do abacaxi e a folha do Croatá. Além disso, souberam agregar valores de produção com a criação de produtos de decoração a partir do papel reciclado como lustres, quadros e capa para fichário.

“Nós conseguimos muitas coisas com este projeto, para fortalecer o grupo: temos hoje peças artesanais em hotéis de Ponta Negra e Pipa. Nós fomos convidados para participar de uma Feira da Banana em Assu. Lá vamos mostrar o papel que fizemos da folha da banana.”(técnica da Fundação)

3.4 PROJETO 4 - RIO, EDUCAÇÃO E FLORESTA

3.4.1 Descrição do Projeto 4, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto

O projeto teve como título “Rio, Educação e Floresta” e foi executado nos municípios de Sobral, Cariré e Groaíras no estado do Ceará, tendo como proponente o Instituto de Ecologia Social Carnaúba.

b) Objetivos:

1. Recuperar a mata ciliar de riachos e do rio Acaraú dentro de 25 propriedades, através do reflorestamento das áreas selecionadas às margens do Rio Acaraú;
2. Introduzir práticas de produção, considerando a realidade sociocultural da unidade familiar e as condições naturais do meio ambiente sem o uso de insumos agrícolas que criem artificialidade na produção;
3. Realizar manejo agroflorestal nas áreas, contemplando plantio de fruteiras e de essências florestais nativas e adaptadas, tendo como fio condutor a recuperação do solo, aumentando a biodiversidade (fauna e flora) dos remanescentes da caatinga, segurança alimentar para a unidade familiar camponesa, práticas para a diminuição da mortalidade das árvores nativas e controle de erosão/assoreamento;
4. Trabalhar a cadeia produtiva dos produtos da agrofloresta, no caso, as fruteiras e essências florestais nativas, estimulando o surgimento das agroindústrias familiares, agregando valores a produção, e construindo assim alternativas de renda para as famílias;
5. Capacitar os produtores e seus filhos em agroecologia, dando-lhes a possibilidades da construção de uma consciência crítica da realidade para que possam reagir a modelos de sociedades degradadoras da natureza;
6. Inserir os agricultores(as) familiares no mercado justo e solidário. Pretende-se trabalhar as agroindústrias familiares formando a consciência de agregação de valores nos produtos produzidos pela Unidade Produtiva Familiar, gerando um maior poder aquisitivo dos agricultores(as), fazendo com que eles se tornem auto-suficientes participando de todos os elos da cadeia produtiva, na produção dos insumos utilizados em suas propriedades até na participação da feira livre dos agricultores familiares se relacionando diretamente com o consumidor final;
7. Construir junto aos produtores e suas organizações momentos de discussões sobre a marca do produto da agricultura familiar – marca do mercado justo e solidário -,

bem como o uso do selo de produtos ecológicos, já que a sociedade está avançando nesta perspectiva do consumo de produtos limpos ecológicos e socialmente justos, sem o uso de agroquímicos e sem a exploração social.

c) Metas:

1. Produzir/distribuir 25.000 mudas de fruteiras e essências nativas e adaptadas ao ecossistema;
2. Realização de assessoria e acompanhamento técnico em manejo agroecológico e beneficiamento de produtos agroflorestais a 25 propriedades familiares à serem trabalhadas pelo Projeto;
3. Realizar 5 cursos sobre agroecologia e beneficiamento de produtos agroflorestais com 20 participantes (produtor/filhos) cada, perfazendo um total de 100 pessoas capacitadas, com uma carga horária de 16 h/a;
4. Realização de um seminário, para discutir sobre o desenvolvimento e planejamento das ações do projeto com a participação de 50 produtores(as) das áreas selecionadas à serem contempladas no projeto.

d) Resultados Esperados:

1. Sensibilizar e capacitar as famílias de agricultores para uma consciência crítica em relação a modelos de sociedade degradadoras da natureza;
2. Reflorestamento com plantio de fruteiras e essências florestais nativas e adaptadas;
3. Geração de renda a partir do manejo agroecológico, beneficiamento de produtos agroflorestais e inserção dos produtos no mercado justo e solidário.

e) Beneficiários: 25 famílias

f) Orçamento:

AACC: R\$ 18.848,76

Contrapartida: R\$ 7.590,00

Total: 26.438,76

3.4.2 Análise do Projeto 4

a) Contextualização:

O Instituto Carnaúba tem uma trajetória política de ações relacionadas à preservação ambiental no vale do Acaraú. O projeto em questão surgiu como mais uma oportunidade

de se levar aos agricultores locais uma visão de convivência com o semi-árido.

Após 15 anos de prática em projetos com agricultores locais, o Instituto Carnaúba observa que existe uma colaboração passiva dos agricultores em relação às capacitações realizadas, ou seja, aceitam, mas não processam na prática essas informações. O projeto veio no sentido de poder proporcionar uma aplicação de práticas direcionadas à agroecologia, além do fato deste, pela sua importância, servir para elencar parceiros de peso maior.

b) Desenvolvimento das ações:

O projeto se realizou continuamente através de parcerias locais. Foram realizadas várias capacitações em espaços diversos, como comunidades rurais, assentamentos e instituições locais. A parte concernente à aplicabilidade foi executada com êxito, como a preparação e o plantio de mudas. Entretanto, a inundação do rio Acaraú comprometeu uma parte do projeto. Isto não tirou, porém, o seu mérito.

O projeto tem seu grande mérito justamente na parte de capacitação. Foi realizado um curso para formação de multiplicadores em agroecologia, através da execução de 6 módulos no período de dezembro de 2003 até março de 2004. Os temas trabalhados foram os seguintes: história da agricultura e estudo dos ecossistemas; estudo e prática de manejo do solo; manejo de pragas e doenças – trofobiose; o papel do multiplicador em agroecologia; e gestão e mercado.

De uma maneira geral o curso de formação de multiplicadores em agroecologia veio preencher, com êxito, uma lacuna deixada pela inundação da área de experimentação.

O projeto agregou também parcerias com a Fundação Konrad Adenauer, da Alemanha, com o SEBRAE e com a Secretaria Municipal de Agricultura de Sobral.

A resistência cultural dos agricultores que praticam, ainda com muita frequência, a queimada, fez com que somente um proprietário local (Sabino Cassiano Feijão, ex-funcionário do Banco do Nordeste do Brasil-BNB) fosse quase um agente único do projeto. Suas terras são modelos de ambientes recuperados. Nesta propriedade, o rio local foi recuperado com a implantação de mata ciliar e com a limpeza do leito do rio Groaíras, afluente do rio Acaraú. Lá também existem consórcios agrossilvopastoris, não são feitas queimadas, pratica-se uma agricultura orgânica e implantado um banco de leucenas. Os objetivos e as metas foram alcançados com êxito nessa área que agora serve de exemplo para outros produtores locais.

c) Resultados alcançados:

O projeto Rio, Educação e Floresta desenvolvido pelo Instituto Carnaúba teve um alcance além do esperado em se tratando de visibilidade e interferência nas políticas públicas e na sociedade civil organizada. O Instituto conseguiu agregar valores positivos às suas experiências com este projeto. A cidade foi envolvida em diversos setores. Aumentou a gestão da informação sobre a questão ambiental local, tendo como viés as questões referentes ao rio Acaraú.

O projeto teve seu êxito garantido pelo envolvimento de grande parte da sociedade local em um assunto comum: a gestão da água no vale do Acaraú. Um dos grandes momentos do projeto foi o engajamento da Universidade Vale do Acaraú com a criação do Laboratório de Idéias, de um núcleo de estudos para salvar o rio Acaraú e de um curso de especialização em desenvolvimento sustentável e meio ambiente. Outro ponto forte foi o curso de formação de multiplicadores em agroecologia com uma grade temática muito bem elaborada e aplicada.

Também muito importante, como resultado do projeto, foi a criação do Comitê da Bacia (do rio Acaraú) e da Rede SAFRA (Sistemas Agro florestais).

“O projeto pode ser visto sob dois aspectos extremos: um é a visibilidade e a inserção das idéias deste na realidade local. Assim, tivemos parcerias importantes e o reconhecimento de instituições de peso maior, como a Fundação Konrad Adenauer, da Alemanha, o FNMA e a Universidade Vale do Acaraú. Entretanto, tivemos um entrave estrutural: a cheia do rio Acaraú, em janeiro de 2004, que inundou a cidade e, também, as áreas de experimentação que estavam nas margens deste. Mas, o importante é que a idéia ficou e foi expandida para outros municípios.” (técnico)

“O projeto do Instituto Carnaúba, com o apoio do FNMA, teve um grande saldo positivo aqui na cidade; mas posso dizer que também foi na região circunvizinha. Ele proporcionou a recuperação do rio Groaíras, afluente do rio Acaraú, através do plantio de uma mata ciliar para a recuperação das margens. Este projeto veio coroar a maioria das minhas idéias. Antes, eu era visto como um visionário; por não concordar com as queimadas e outras práticas predatórias, que somente desgastam o solo. Hoje, eu tenho um apoio logístico e instrumental para o que eu faço aqui na minha terra. O resultado pode ser visto aqui na minha área. Eu faço plantio consorciado e obtenho ótimos resultados.” (Agricultor)

3.5 PROJETO 5 - MANEJO SUSTENTÁVEL DA CAATINGA E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

3.5.1 Descrição do Projeto 5, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Manejo Sustentável da Caatinga e Preservação Ambiental”, sendo desenvolvido no Projeto de Assentamento Bom Futuro no município de Campo Grande, Rio Grande do Norte, através da assessoria da Cooperativa Sertão Verde.

b) Objetivos:

1. Implantar mudas de leguminosas nativas (sabiá) nas regiões ribeirinhas (recuperação da mata ciliar) e em outras áreas como geração de renda;
2. Utilizar-se de algumas técnicas de manejo, tais como o raleamento seguido de enriquecimento com introdução de espécies nativas forrageiras que servirão de suporte alimentício para os animais que inclusive apresentam hábitos de se alimentarem desses tipos de forrageiras (Projeto de Caprinocultura já implantado), além de proteger o solo;
3. Fomentar a questão ambiental, estimulando a necessidade de preservação do meio ambiente e traçar planos de trabalho para a implantação de novas tecnologias de preservação ambiental adaptadas ao semi-árido do nordeste brasileiro.

c) Metas:

1. Capacitar 35 famílias no processo de conscientização e preservação do meio ambiente e técnicas de manejo agroflorestal através de dois cursos de capacitação, dois seminários e 110 visitas técnicas, com o objetivo de no final da execução do projeto seja consolidado um plano de desenvolvimento sustentável pautado em questões de preservação do meio ambiente;
2. Recuperar, através de rebaixamento, raleamento e enriquecimento, e fazer a introdução de 7.480 mudas de sabiá em 4ha de área degradada.

d) Resultados esperados:

1. 35 famílias capacitadas em gestão ambiental
2. Recuperação de 4ha de área degradada
3. 15 jovens capacitados como multiplicadores sobre preservação ambiental

e) Beneficiários: 35 famílias

f) Orçamento:

AACC/RN: R\$ 31.269,00

Contrapartida: R\$ 3.250,00

Total: R\$ 34.519,00

3.5.2 Análise do Projeto 5

a) Contextualização:

A área do Assentamento Bom Futuro, com 1.000ha, encontra-se num crescente processo de degradação ambiental. As suas características edafoclimáticas, próprias do sertão semi-árido, vem ao longo dos anos perdendo o seu valor de suporte aos habitantes do local, o que pode ser observado pelo depauperamento do solo; crescente processo erosivo, conseqüência da falta de cobertura vegetal e manejo adequado; assoreamento de regiões ribeirinhas do rio que corta o Assentamento, onde se percebe a total ausência de mata ciliar; freqüentes queimadas utilizadas pelos seus moradores, o que vem justificar a necessidade de formação de um processo de Educação Ambiental aos assentados.

O uso inadequado e sem técnicas das forrageiras nativas tem contribuído bastante para a falta de alimentação dos animais em épocas de secas, o que tem provocado prejuízos significativos aos criadores do Assentamento.

Os Associados apresentam um alto potencial para ações coletivas, o que já foi demonstrado através das ações realizadas pelas 35 famílias assentadas, e que tiveram um bom desempenho nos Projetos já implantados, destacando o Projeto Padre Pedro, que construiu 35 cisternas de placas, cujo projeto foi executado em regime de mutirão por parte dos assentados e o Projeto de Caprinocultura, conquistado através do Programa de Combate a Pobreza Rural.

A comunidade mantém um discurso e práticas avançadas em relação às questões ambientais. Como exemplo, cito a convivência harmônica com uma manada, mais de 200 jumentos, que já estava na área quando os agricultores foram assentados. Em termos gerais, isso mostra a capacidade da comunidade em buscar soluções onde usualmente existem problemas.

b) Desenvolvimento das ações:

O projeto teve uma visibilidade na área do assentamento que é claramente o resultado da participação dos assentados (homens, mulheres e jovens) nas atividades relacionadas ao projeto; desde a sua concepção e possíveis dificuldades inerentes à sua implementação até a sua execução.

O projeto fortaleceu as atividades que já eram desenvolvidas com grupos diferentes dentro do assentamento. Os homens agricultores participam de uma experiência de trabalho comunitário de forma voluntária (nas terças-feiras todos os agricultores realizam trabalhos de interesse comum no assentamento). As mulheres se constituíram enquanto coletivo e se organizam para se tornar um grupo de horticultoras. Os jovens, ao que tudo indica, foram os que tiveram o maior aproveitamento do projeto: fazem parte ativa nas decisões coletivas e pretendem manter um empreendimento relacionado à recuperação e implementação das áreas coletivas.

Com relação à execução técnica do projeto, podemos concluir que os objetivos e metas foram alcançados. A comunidade foi orientada por dois técnicos ao longo do projeto, que teve continuidade porque a instituição optou por continuar trabalhando com a comunidade, integrando-a ao o programa ATES – Assessoria Técnica Social e Ambiental do INCRA. Esta facilidade fez com que o projeto, na parte técnica, rendesse além do esperado. As mudas de sabiá foram plantadas acrescidas de outras espécies, e a área inicial de 4ha foi ampliada para 8ha por iniciativa da própria comunidade.

“No começo o povo estranhou. Mas hoje, todo mudo compreende. Aprendi a fazer mudas. E descobri que a natureza depende de nossa colaboração.” (agricultor)

“Este projeto, para mim, foi de grande importância. Sempre tive a idéia de trabalhar educação ambiental com jovens. Este fator foi preponderante para combater a resistência às queimadas, por exemplo. Com os jovens houve uma participação que contagiou a comunidade e todos participaram ativamente. O projeto de manejo foi direcionado à necessidade de se fortalecer e garantir a alimentação dos animais. A forma participativa no planejamento e na execução foi o que garantiu a implantação de um modelo agrossilvipastoril na comunidade.” (técnico da Cooperativa)

c) Resultados alcançados:

De uma maneira geral este projeto teve êxito. A área originalmente preparada para o manejo da caatinga foi ampliada para o dobro do seu tamanho original, como reconhecimento das vantagens na criação e manutenção de pasto para o gado. Foi feito um plantio de espécies nativas com sucesso. E, com relação à educação ambiental, o assentamento, onde ocorrem poucas queimadas, é modelo no que diz respeito à jovens integrados com novas tecnologias de plantio, à participação das mulheres nas decisões coletivas, e à uma política de acesso e tratamento da água que a comunidade dispõe. Um discurso local de adaptação constante ao meio ambiente.

A população do assentamento reconhece a importância do projeto por dados visíveis em seu cotidiano através da observação da engorda do gado como consequência do projeto. Depois, os assentados foram capacitados na produção de mudas de árvores nativas adaptadas para o alimento do gado.

“Hoje, as pessoas do nosso assentamento reconhecem a importância desse projeto.

Porque antes a gente via a dificuldade de se conseguir pasto para o gado. Com o projeto, isso foi resolvido. Na nossa área de manejo, nós temos pasto durante o ano todo. E na área vizinha, que não foi mexida, a gente vê que só tem planta seca...Hoje estamos pensando em ampliar para outras áreas do assentamento. Para se ter uma idéia, o nosso projeto era de 4 hectares e nós resolvemos ampliar para 8 hectares e deu certo. O projeto foi uma grande vitória para o nosso assentamento.” (agricultor)

“O gado engordou mesmo com a seca. Isso eu nunca tinha visto. A gente agora pode ter gado e não ter medo.” (agricultor)

“Nós aprendemos a importância sobre a água na nossa vida. Elaboramos textos sobre a qualidade da água. E colocamos em prática quando fizemos horta e plantamos mais nos quintais. As mulheres nos ajudaram nessa tarefa.” (jovem)

3.6 PROJETO 6 - Plantas Nativas para Geração de Renda

3.6.1 Descrição do Projeto 6, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Plantas Nativas para Geração de Renda” e foi desenvolvido no município de Mirandiba, estado de Pernambuco, tendo o CECOR - Centro de Educação Comunitária Rural do Pólo Sertão Central, como proponente.

b) Objetivo:

Promover o beneficiamento e a comercialização de produtos da caatinga para gerar renda em comunidades rurais no município de Mirandiba.

Subprojeto Fabricação de Polpa de Umbu

- Gerar renda para famílias envolvidas com a cata do umbu;
- Facilitar a comercialização através da compra da produção pela prefeitura municipal;
- Buscar novas oportunidades de comercialização para a polpa;
- Buscar novas receitas baseadas no umbu;
- Melhorar a alimentação dos alunos de escolas municipais;
- Valorizar o trabalho de mulheres;
- Valorizar os umbuzeiros e contribuir assim para sua preservação.

Subprojeto Fabricação de Peças Artesanais a Partir da Fibra do Caroá

- Gerar novas oportunidades de renda;
- Melhorar a convivência com a seca, através da diversificação das atividades econômicas;
- Identificar oportunidades de negócios;
- Promover a participação de mulheres na exploração do caroá;
- Aumentar a autoestima nas comunidades rurais.

Subprojeto Implantação de Áreas Agroflorestais Integrando o Umbuzeiro, o Caroá e Outras Espécies

- Racionalizar a produção a longo prazo e tornar as atividades econômicas mais competitivas;

- Potencializar uma demanda crescente dos produtos da caatinga considerados neste projeto;
- Aumentar a população das espécies nativas;
- Difundir material genético local e introduzido de umbuzeiros com frutas de qualidade superior;
- Difundir material genético local, introduzido de plantas de caroá com fibras de qualidade melhor e detectar, eventualmente, variedades de plantas sem espinhos;
- Diminuir a pressão sobre a caatinga;
- Formar um sistema produtivo sustentável envolvendo aspectos econômicos, ecológicos e sociais.

c) Metas:

Subprojeto: Polpa do Umbu

- Capacitação de 20 famílias em todo o processo envolvendo a safra, o beneficiamento e a comercialização do produto;
- Produzir 6.000kg de polpa durante o período da safra do umbuzeiro;
- Gerar uma renda bruta de R\$ 10.800,00 para as 20 famílias, através da comercialização com a prefeitura municipal;
- Identificar novas oportunidades de comercialização para envolver mais 80 famílias num prazo de 2 anos.

Subprojeto: Fibra do Caroá

- Capacitar 15 famílias para o manejo sustentável, o processamento e a confecção de peças com o caroá;
- Desenvolver novos designs de bolsas;
- Adaptar um tear convencional pertencente à prefeitura municipal para usar na tecelagem do caroá;
- Aumentar a produtividade da confecção de peças de 3/dia a 6/dia;
- Produzir 3.600 bolsas (15 famílias x 12 meses x 20 bolsas);
- Organizar a comercialização coletiva das 3.600 bolsas a um preço de R\$ 3,00;
- Desenvolver novos produtos com características específicas da fibra;
- Levantar novas oportunidades de mercado.

Subprojeto: Implantação de Áreas Agroflorestais Integrando o Umbuzeiro, o Caroá e Outras Espécies

- Implantação de uma área de 5ha de um sistema agroflorestal (baseado no umbuzeiro, caroá e outras espécies para agricultura familiar).
- Produção de:
 - 2.000 kg de milho e 1000 kg de feijão no primeiro ano
 - 10.000 folhas de caroá a partir do terceiro ano
 - 5.000 kg de umbu a partir do quinto ano

d) Resultados esperados

1. Gerar renda para famílias, a partir da cata do umbu e da fabricação de artesanato de fibra do caroá.
2. Melhorar a convivência com a seca, através da diversificação das atividades econômicas.
3. Aumentar a população das espécies nativas e diminuir a pressão sobre a caatinga.

e) Beneficiários: 35 famílias

f) Orçamento:

AACC: 20.960,00

Contrapartida: 8.670,00

Total: 29.630,00

3.6.2 Análise do Projeto 6

a) Contextualização:

As entidades proponentes do projeto já tinham uma antiga relação de trabalho com as comunidades. O CECOR há tempos trabalhava com caprinos e a CONVIVER foi criada por técnicos e produtores como fruto de anos de trabalho da AS-PTA no município, que desenvolveu de 1995 a 2002 um significativo programa de recursos hídricos.

Assim, percebe-se que a CONVIVER já nasce com uma forte articulação junto a entidades regionais como o CECOR, a qual, inclusive, viabilizou este contrato com

FNMA/AACC, e com um canal aberto com redes de ONG's e colaboradores internacionais. As pessoas que dão assessoria são dali, moram ali, vivem e sobrevivem daquilo, mas estão conectadas com o mundo. Esse arranjo de organização social local só se conquista com muito trabalho e com o tempo. O projeto chegou no tempo certo, quando a capacidade local de análise e solução sobre a realidade já estava à altura dos desafios de estruturação de uma agroindústria.

b) Desenvolvimento das ações:

Não obstante, uma primeira olhada no texto do projeto dava conta de que ele teria sido superestimado em sua capacidade de execução e subestimado em sua necessidade de recursos financeiros. Era muita, mas muita coisa para apenas 20 mil reais de aporte externo (FNMA/AACC). Depois de vê-lo de perto fica claro que só o cumprimento das metas da fabricação do umbu já representaram uma ótima utilização dos recursos.

Tiveram dificuldades e não conseguiram implementar a contento dois dos três sub-projetos: peças artesanais do caroá e áreas agroflorestais com umbu e caroá. Algumas peças chegaram a ser produzidas com o caroá, mas a falta de equipamentos adequados, pessoal especializado e de maiores informações de mercado logo fizeram ver que ainda não era o momento de se obter respostas satisfatórias com esta atividade. Houve ainda o plantio de uma área de 1ha como início de um sistema de agrofloresta, mas sem maiores desdobramentos.

Enquanto isso, os objetivos e metas traçados para o outro eixo, fabricação de polpa do umbu, foram significativamente conquistadas e extrapoladas. O grande diferencial do projeto foi sua capacidade de dar respostas imediatas e satisfatórias aos produtores. Isso só foi possível por causa da conquista do mercado institucional inicial: fornecer para a merenda das escolas do município. A coisa ganhou a confiança e a adesão das famílias, por isso cresceu tanto. De 3 mil quilos no primeiro ano a produção pulou para 20 mil quilos no segundo ano.

Com a polpa do umbu eles projetaram auferir uma “renda bruta” de R\$ 10.800,00. Em setembro de 2005, durante nossa visita, eles já tinham um faturamento anual parcial de 40 mil reais. Queriam produzir 6.000 quilos de polpa. Já estavam com 15 mil quilos produzidos até aquele momento e tinham contrato com a CONAB (Programa Compra Direta) para entregar mais outros 40 mil quilos a merenda escolar da rede pública local.

Planejaram iniciar com 20 famílias produtoras/catadoras de umbu e chegar a 80 famílias em dois anos. Já tinham conseguido selecionar e cadastrar 82 famílias e 60 destas já estavam entregando sistematicamente suas frutas para o projeto. Isso mesmo, várias frutas, e não só o umbu como pensado inicialmente. A coisa cresceu. Em média, cada família já recebe cerca de 200 reais por mês, só com o beneficiamento e a comercialização das frutas.

c) Resultados alcançados:

Essa proposta foi extremamente lúcida desde o seu nascedouro, o projeto. A começar pelo título, “Plantas Nativas para Geração de Renda”, que já esboça o senso de síntese e de praticidade constatado na visita in-loco desta avaliação. O resumo do projeto é o seu próprio título, mais fiel impossível. O resumo da avaliação é: eles conseguiram tirar renda de planta. Presenciamos um gratificante sucesso da Agricultura Familiar, uma demonstração incontestante do poder do associativismo.

Na realidade, o projeto foi responsável por um impacto socioeconômico muito relevante. Melhorou sensivelmente a qualidade de vida e de trabalho das famílias diretamente envolvidas e de centenas de crianças, professores e funcionários das escolas públicas. Recuperou a auto-estima, promoveu o reconhecimento da sociedade local e, efetivamente, gerou um significativo nível de renda. Um resumo da natureza e do impacto do projeto está em duas falas:

“A gente mesmo entrega as polpas nas escolas, nas do Estado e nas do Município. Eu mesmo entrego na escola do meu filho...”

“Meus seis irmãos antes iam daqui a 6 km para trabalhar alugado, um dia todinho por R\$ 5,00. Agora, cada um, tira trabalhando no que é seu com sua família (dentro de casa pode dizer), pelo menos R\$ 200,00/mês só das frutas que vende para a fábrica aqui do Projeto. Isso, fora as 6 bancas que a gente tem na feira vendendo só produtos orgânicos: frutas, verduras, etc.”

Quanto aos impactos ambientais positivos, eles não têm uma medida, mas percebem uma diminuição da pressão sob as batatas (cafofas, raízes) dos umbuzeiros. Antes era forte a tendência de se cortar as raízes para fazer e vender o doce. Confiam

mais na renda que venha da polpa do umbu e, para tanto, precisam preservar e aumentar os umbuzeiros.

“O pessoal agora já não arranca tanto a batata do umbuzeiro para fazer o doce e vender. Sabem que é mais negócio produzir o umbu e vender para o Projeto.” (agricultor)

Deixamos para abordar por último o fator que consideramos o mais importante: o capital social local. O projeto se deu como uma conseqüência natural da história de organização social construída anteriormente. Expressa o acúmulo de experiências, capacidades e relações sociopolíticas e técnicas de um grupo de produtores e técnicos locais que criaram uma ONG para dar corpo institucional a uma ação de intervenção social e econômica sobre a realidade da Agricultura Familiar do seu município, como podemos observar nos depoimentos dos agricultores abaixo:

“Esse projeto veio mostrar o valor e a capacidade de nossa comunidade de negros e agricultores. Trouxe dignidade. Todo mundo agora vê a gente de outro jeito... dá orgulho”

“Recuperou a confiança e o poder de produção dos agricultores daqui”

“Sem o pequeno projeto de polpa do umbu não teria como a gente ter conseguido tudo isso que a gente tem hoje”

3.7 PROJETO 7 - MELIPONICULTURA E MANEJO DA CAATINGA

3.7.1 Descrição do Projeto 7, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Meliponicultura e Manejo da Caatinga”, sendo implementado nos municípios de Soledade e Puxinanã, estado da Paraíba, tendo como proponente o PATAC – Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades.

b) Objetivos:

1. Difundir a criação de abelhas nativas, assegurando aos produtores um enriquecimento da sua dieta alimentar e o aumento da sua renda mediante comercialização de mel.
2. Contribuir para a luta a favor da diversificação e reposição da biodiversidade, mediante incentivo ao plantio de espécies nativas (necessárias à criação das abelhas) e manejo adequado da caatinga.

c) Metas:

1. Realizar 4 pesquisas;
2. Elaborar um documento referência de confronto entre o saber popular e científico;
3. Realizar 1 treinamento;
4. 10 visitas de intercâmbio;
5. Implantar práticas de experimentação pelo primeiro grupo;
6. Elaborar um folder e um vídeo de divulgação sobre as práticas de manejo e a relação com a preservação do meio ambiente;
7. Realizar 32 visitas de motivação;
8. Organizar e realizar 16 oficinas;
9. Realizar 2 seminários

d) Resultados esperados:

1. Diversificação e reposição da biodiversidade da Caatinga, mediante plantio de espécies nativas.
2. Enriquecimento da dieta alimentar e incremento da renda familiar, através da produção e comercialização de mel.

e) Beneficiários: 32 produtores

f) Orçamento:

AACC: R\$ 30.562,00

Contrapartida: R\$ 2.626,00

Total: 33.188,00

3.7.2 Análise do Projeto 7

a) Contextualização:

O PATAC já trabalha nos dois municípios do projeto há muitos anos. Desenvolve programas de convivência com o semi-árido na área de recursos hídricos, criação animal e apicultura. É interessante observar que a entidade já trabalhava com o incentivo à apicultura e fazia parte da Rede Abelha há anos, mas nunca antes havia trabalhado a meliponicultura, o que veio a se concretizar a partir desse projeto.

b) Desenvolvimento das ações:

O projeto não foi implementado conforme a metodologia e as estratégias propostas inicialmente. Várias dificuldades concorreram para que a execução sofresse adaptações durante o percurso.

Primeiro tiveram dificuldades para identificar agricultores que já criassem ou até mesmo conhecessem as espécies nativas. A atividade praticamente não existia na região, ninguém demonstrava interesse, mas ainda assim foi realizada a pesquisa prevista sobre o conhecimento dos agricultores locais sobre as abelhas nativas.

Por não conseguirem a participação esperada de um professor da UFPB/Bananeiras, a equipe do projeto decidiu rever a metodologia da sua implementação, estimulando mais a troca de práticas e experiências entre os próprios produtores, sem priorizar o confronto com o saber acadêmico logo de saída. Realizaram as visitas de intercâmbio a produtores do seridó potiguar e à Universidade de Areia, e realizaram os treinamentos de capacitação de produtores e interessados em produzir.

Nas capacitações foram dadas ênfase à produção de mudas de plantas nativas e exóticas como: aroeira, angico, sabiá, nim, moringa, leucena etc. Tudo visando a

obtenção de uma boa “florada” para as abelhas e a recomposição da biodiversidade da caatinga. Foi realizada uma campanha para os agricultores coletarem sementes para iniciar os viveiros de mudas. Elas foram identificadas e distribuídas de acordo com as espécies de abelhas nativas desejadas por cada meliponicultor iniciante.

Foram compradas e distribuídas 130 caixas para colméias. Hoje elas já são cerca de 190 caixas, sendo que 100 delas estão povoadas e produzindo sob os cuidados de 8 meliponicultores devidamente capacitados como produtores e multiplicadores da tecnologia. Cada colméia produz cerca de 2 litros de mel por ano, o que rende até 100 reais de receita para o meliponicultor por colméia.

Durante este projeto a meliponicultura foi priorizada como uma estratégia de preservação do bioma caatinga e não como fator de geração de renda. Não obstante, fica claro que a partir de certo volume de colméias por produtor (15 a 20) a renda obtida já poderá chegar a uma média de R\$ 100,00 por mês. Para os 8 meliponicultores deste projeto esta marca já está bem próxima (a média hoje é de 12 colméias produtivas para cada um deles).

A implementação do projeto se deu de forma muito integrada às demais ações de desenvolvimento local e convivência com o semi-árido já praticadas pelo PATAC. Seguiu a mesma lógica de trabalho de capacitação e acompanhamento direto ao produtor experimentador e multiplicador de novas tecnologias apropriadas ao ecossistema local/regional.

c) Resultados alcançados:

Destaca-se, por exemplo, a simplicidade acompanhada de robusta consistência com a qual os produtores entrevistados explicam e defendem as vantagens de uma tecnologia como a meliponicultura para a mata nativa. É impressionante como eles integraram os novos ensinamentos e subsídios (de mudas de plantas nativas e exóticas e de abelhas nativas) com os equipamentos e práticas já assimiladas. As mudas já foram plantadas no terreno da vazante da barragem subterrânea, onde próximo já foi instalado o meliponário... e por aí vai.

O projeto tem todos os elementos para replicação em todo o semi-árido: baixo nível de investimento inicial, pouca exigência quanto a recurso humano, tecnologia simplificada, acessível e de fácil transferência. Precisa, no entanto ser sistematizada a experiência e expandidos seus resultados. A abrangência em termos de número de

produtores que aderiram à meliponicultura ainda é muito pequena para um processo que já dura 3 anos.

É um projeto muito importante com potencial para recriação de processos locais de recomposição da caatinga e preservação do seu ecossistema, e ainda com significativo potencial de enriquecimento alimentar e de geração de renda complementar, conforme fica claro em alguns depoimentos.

“Eu nem sabia que aqueles 'mosquitos' faziam mel. Quando a gente via um punhado deles queria logo botar fogo. Sempre tive medo de abelha”

“Hoje eu sei que essas abelhinhas são importantes demais para o mato, (para reproduzir) as plantas”

“Esse projeto foi responsável por trazer à tona o tema e a importância da meliponicultura. E irradiou isso para a ASA-PB e para a Rede Abelha”

“Muito mais importante do que a renda, que essas colméias só vão me dar daqui um tempo, é saber que elas ajudam a mata a se reproduzir. Se o benefício fosse só esse já valeria à pena... Afinal de contas o trabalho que elas dão é tão pouco!”

3.8 PROJETO 8 - EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E GERAÇÃO DE RENDA

3.8.1 Descrição do Projeto 8, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Educação, Meio ambiente e geração de renda”, sendo desenvolvido nos municípios de Lagoa Salgada, Ielmo Marinho, Bento Fernandes e João Câmara no Rio Grande do Norte, pela entidade Colméias.

b) Objetivo:

Realizar a transferência de tecnologia alternativa de extração, armazenagem e comercialização dos produtos apícolas, para integrantes das associações apícolas das comunidades tradicionais/extrativistas, visando o aprimoramento da cadeia produtiva da apicultura a partir de uma visão de caráter ecológico e de geração de renda.

c) Metas:

1. Capacitar 100 apicultores das comunidades tradicionais na utilização de tecnologia de apicultura racional;
2. Montar 5 unidades produtivas com equipamentos apícolas, beneficiando 50 apicultores com kit de equipamentos apícolas;
3. Incentivar o cultivo de plantas melíferas e poliníferas;
4. Promover 5 seminários de intercâmbios entre produtores, suas organizações, o poder público e o mercado local, visando a divulgação e inserção dos produtos apícolas na merenda escolar e no mercado.

d) Resultados esperados:

1. 100 apicultores capacitados para utilização de tecnologias de apicultura racional;
2. Geração de renda para 50 agricultores;
3. Ampliação do cultivo de plantas melíferas e poliníferas.

e) Beneficiários: 100 apicultores

f) Orçamento:

AACC: R\$ 34.536,00

Contrapartida: R\$ 24.152,00

Total: 58.688,00

3.8.2 Análise do Projeto 8

a) Contextualização:

O Grupo Colméias, entidade proponente deste projeto, já contratou outros projeto com o FNMA: rede de sementes nativas e Agenda 21 de Natal. A entidade também já tem alguns anos de trabalho com as comunidades participantes deste projeto, também trabalhando com assessoria e apoio às atividades de apicultura.

b) Desenvolvimento das ações:

Temos claro que o projeto promoveu conseqüências positivas no seu entorno. O projeto foi o ponto de partida para a instalação de uma nova atividade para os agricultores do município: a apicultura. A partir das colméias distribuídas começou a se “criar abelha”, o que era visto antes como coisa de vagabundo ou de doido.

“Antes desse projeto ninguém por aqui criava abelha. Quem falasse num negócio desse era tido por doido.”

Apesar de ainda não haver indícios de algum apicultor que tenha conseguido auferir renda significativa da atividade, alguns novos apicultores têm aderido à idéia de criar abelhas. Organizados e influentes no município e a partir da iniciação proporcionada pelo Projeto com a AACC/FNMA, conseguiram conquistar outro projeto junto ao Programa de Combate à Pobreza Rural e ampliaram o número de colméias.

Segundo os entrevistados, deve existir hoje no município cerca de 100 colméias ativas. A melhor notícia é que recentemente começaram a fornecer mel para a prefeitura, via o programa do compra direta do governo federal. Percebemos esperança quando falaram dessa venda para a prefeitura.

c) Resultados alcançados:

É interessante observar que o projeto acaba confirmando a atratividade que a apicultura representa hoje para a agricultura familiar e oferecendo uma alternativa de renda para grupos que, até então, desconheciam a atividade. O projeto demonstrou a capacidade de multiplicar os recursos com outras fontes e já conquistou um canal de mercado institucional. O maior dos resultados do projeto é mostrar a atividade apícola como uma promissora alternativa para o desenvolvimento da agricultura familiar e a sustentabilidade do bioma caatinga.

“É uma atividade muito boa. Praticamente não dá trabalho.”

“Pra falar a verdade, ganhar dinheiro mesmo a gente ainda não ganhou não. Mas tem aí agora uma venda de mel para a prefeitura que começou agora... acho que agora vai dar um dinheirinho pra nós”

“A esperança que a gente tem no grupo dos jovens é que as abelhas sejam uma solução para o desemprego dos jovens que é grande no município.”

3.9 PROJETO 9 - REDE DE COOPERAÇÃO DOS EXTRATIVISTAS DE CARNAÚBA DE MIRAÍMA

3.9.1 Descrição do Projeto 9, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Rede de Cooperação dos Extrativistas de Carnaúba de Miraíma” e foi desenvolvido no município de Miraíma, Ceará, tendo como entidade proponente o Instituto Sertão.

b) Objetivo:

Promover a melhoria da renda familiar de extrativistas da carnaúba dos assentamentos rurais de Miraíma e a conservação das florestas de carnaubais, através da criação de uma rede de cooperação entre os assentamentos para a melhoria do manejo ecológico, beneficiamento, valor agregado, crédito e comercialização da produção de pó cerífero de carnaúba.

1. Melhorar o manejo ecológico dos carnaubais e beneficiamento da palha de carnaúba;
2. Viabilizar crédito para o custeio da extração de palhas de carnaúba;
3. Aumentar o preço pago pelo produto através da comercialização direta da produção.

c) Metas:

1. Criar uma rede de cooperação com a participação de 95 extrativistas de carnaúba de 8 áreas de assentamento rural de Miraíma;
2. Elaborar uma cartilha com os extrativistas reunindo um conjunto de recomendações para a melhoria do manejo ecológico dos carnaubais;
3. Viabilizar a autonomia dos produtores no beneficiamento das palhas de carnaúba, reduzindo em 60% o custo atual e aumentando a qualidade do pó cerífero produzido;
4. Formar um fundo rotativo para financiar o custeio da extração das palhas de carnaúba com recursos do projeto, associações dos assentamentos e extrativistas;
5. Comercializar a produção de pó cerífero diretamente para produtores de cera de carnaúba sem a interferência de atravessadores, aumentando em R\$ 0,20 por preço pago pelo produto

d) Resultados esperados:

1. Criação da rede de cooperação, visando a realização de negócios no âmbito coletivo;
2. Agregação de valores à produção, através da redução do custo de produção do pó cerífero em 60% e da valorização do produto em R\$ 0,20;
3. Ampliação da autonomia dos produtores, através da redução dos atravessadores na comercialização da produção;

4. Divulgação de recomendações para a melhoria do manejo ecológico dos carnaubais.

e) Beneficiários: 95 extrativistas

f) Orçamento:

AACC: R\$ 34.966,00

Contrapartida: R\$ 29.000,00

Total: 63.966,00

3.9.2 Análise do Projeto 9

a) Contextualização:

Com uma estrutura fundiária altamente concentrada até a década de 90, o município passou por um processo de reforma agrária que resultou na criação de 10 áreas de assentamento rural, organizadas em associações e articuladas através do Fórum dos Assentamentos de Miraíma.

A organização dos assentamentos tem conquistado melhorias nas condições de vida dos produtores, no entanto existem potenciais que poderiam ser mais bem aproveitados no sentido de viabilizar um aumento da renda familiar.

As instituições que participaram diretamente da elaboração e execução do projeto como o Instituto Sertão e a Fundação SESIMAR têm uma trajetória de trabalho consolidada através de ações de assessoria aos trabalhadores rurais na região. O envolvimento do sindicato de trabalhadores rurais e a prefeitura foi conseqüência de uma articulação bem elaborada. O resultado foi um comprometimento que se refletiu na execução do projeto e obtenção dos resultados alcançados. Uma marca maior que antecedeu o projeto foi o compromisso das partes envolvidas com a questão dos trabalhadores rurais. Um olhar comum era de que os atravessadores não deixavam dinheiro no município. Os assentamentos não garantiam a ocupação da mão-de-obra local na atividade de extração do pó da carnaúba.

b) Desenvolvimento das ações:

O desenvolvimento do projeto Rede de Extrativistas de Carnaúba de Miraíma se caracterizou, ao longo de sua execução, pela construção de parcerias comprometidas com os seus objetivos e metas. Fundamental, nesse sentido, foram as atitudes do sindicato, da prefeitura, do Instituto Sertão, da Fundação Sesimar e, principalmente, dos assentados. Este compromisso marcou os resultados obtidos.

A compra da máquina de bater palha de Carnaúba e a doação, pela prefeitura, de

um caminhão foi o passo inicial. Isto possibilitou a circulação da máquina por 8 dos 10 assentamentos do município.

A idéia de aumentar em R\$0,20 o preço do kilograma do pó de Carnaúba, foi surpreendida pelo aumento em R\$1,20 sobre a mesma quantidade.

Foram realizadas oficinas de manejo da área de carnaúba. A idéia era de que nos dias de folga, essa atividade fosse realizada nos assentamentos. Entretanto, somente um assentamento fez o manejo. A resistência é resultado da ausência desta prática e a crença de que a palha existe em quantidade inesgotável.

O projeto favoreceu o uso da mão-de-obra local. Isto não ocorria na atividade organizada pelo atravessador. Este chegava à área com sua equipe vinda de fora. Apenas comprava a produção ainda nas árvores.

A máquina dos assentados produziu um pó mais fino e de qualidade superior. Pena que isto não beneficiou muito os produtores, porque o mercado não absorveu esta idéia. O costume local é de se extrair um pó mais grosso, de qualidade inferior, que pesa mais e rende mais dinheiro.

c) Resultados alcançados:

O projeto alterou as relações de trabalho local. Com a compra de um motor para moer a palha de carnaúba e a doação de um caminhão pela Prefeitura Municipal de Miraíma, os assentados passaram a realizar eles mesmo a extração da palha que, por sua vez, gerou um aumento na renda das famílias. Desta forma foi gerado um processo de autonomia na atividade de extrativismo da carnaúba entre os assentados.

O projeto conseguiu ainda realizar, entre os assentados e a sociedade civil local, a discussão sobre território. Eliminar o atravessador e gerar mais autonomia na economia local, alterando, assim, as relações de trabalho. Na prática isto gerou um processo de autonomia na atividade de extrativismo entre os assentados.

“Com essa máquina nós baixamos o lucro de atravessador de 20% para 17%, com a nossa concorrência. Agora, nós vamos cobrar 15% para concorrermos mais ainda com o atravessador. Essa máquina é a nossa força.”

(Francisco, assentado e operador da máquina de bater pó).

“Este projeto é a historia de uma luta sem precedente. Os assentados conseguiram mostrar para eles mesmo do que são capazes, desde que unidos.”

3.10 PROJETO 10 - Uso de tecnologias alternativas para o suprimento de água e energia na produção de base familiar no semi-árido pernambucano

3.10.1 Descrição do Projeto 10, segundo o texto do projeto:

a) Identificação do projeto:

O projeto teve como título “Uso de tecnologias alternativas para o suprimento de água e energia na produção de base familiar no semi-árido pernambucano” e foi desenvolvido no município de Afogados da Ingazeira e Ibirimir, estado de Pernambuco, tendo como proponente o Centro de Estudos e Projetos de Energias Renováveis – Naper Solar.

b) Objetivo:

Utilização sustentável de tecnologias alternativas como a produção de eletricidade solar, a captação, o armazenamento e o manejo adequado da água, para a produção irrigada de culturas alimentares, visando a melhoria da segurança alimentar e a geração de renda para os agricultores familiares.

c) Metas:

1. Implantar a tecnologia de geração descentralizada de energia elétrica utilizando um recurso natural e abundante na região, o sol;
2. Implantar a tecnologia de captação, armazenamento e uso eficiente da água das chuvas, para atender as necessidades domésticas;
3. Capacitar os beneficiários das tecnologias na gestão técnica, administrativa e financeira do sistema produtivo, além de pessoas com habilidades manuais, em técnicas de construção de cisternas e os “eletricistas solares”;
4. Divulgar as tecnologias e ampliar o número destas instalações na região, possibilitando que mais produtores rurais familiares utilizem as tecnologias descritas e o método participativo proposto.

d) Resultados Esperados:

1. Segurança alimentar, através da produção de alimentos para uma família durante todo o ano
2. Aumento da renda familiar, através da produção de excedente;

3. Aumento da expectativa de vida, pela diminuição da mortalidade infantil, e da melhoria da saúde em geral dos beneficiários;
4. Elevação dos níveis de instrução, através da circulação de informações, dos cursos de formação em técnicas e práticas de convivência com o semi-árido e da assistência técnica contínua.

e) Beneficiários: 2 famílias

f) Orçamento

AACC: R\$ 32.286,00

Contrapartida: 3.260,00

Total: 35.546,00

3.10.2 Análise do Projeto 10

a) Contextualização:

O projeto foi idealizado pelo Naper Solar em parceria com a Diaconia. O Naper já tinha experiência de projetos com outras comunidades e agricultores, também em parceria com a Diaconia. O objeto era o mesmo: bombeamento de água para irrigação por gotejamento de pequenas áreas de agricultura familiar.

b) Desenvolvimento das ações:

As atividades do projeto aconteceram dentro do previsto. As dificuldades ficaram sempre por conta das questões tecnológicas. Desde o alto custo dos equipamentos até o difícil acesso às suas peças de reposição.

Infelizmente, toda a tecnologia de bombas para irrigação à energia solar, segundo nos informou o coordenador do Naper, ainda é de domínio exclusivo dos Estados Unidos. Os equipamentos e suas peças de reposição têm que ser importados, o que encarece e torna morosa qualquer manutenção mais séria. Durante o projeto uma das bombas teve que esperar meses para ser consertada.

O projeto foi implementado em efetiva integração com outras ações da Diaconia e outros parceiros locais/regionais. Foi o caso da comercialização dos produtos das experiências através das bancas do produtor na feira livre e no espaço das mulheres,

no centro da cidade de Afogados, por exemplo. O que gerou uma renda significativa ao produtor-experimentador do projeto naquele município.

As metas foram devidamente cumpridas: 2 sistemas de irrigação por gotejamento a energia solar estão em funcionamento. As dificuldades ficaram mesmo por conta da falta de domínio da tecnologia. Aliás, esse é o único e grande fator de risco desse tipo de projeto. Em qualquer projeto a necessidade de um fundo para manutenção é recomendável. Nesse caso aqui a lição é mais exigente. Onde a tecnologia é importada e cara, o fundo de manutenção se torna absolutamente imprescindível. E mais ainda, é preciso criar uma cultura e uma capacidade local de manutenção preventiva, que reduza ao mínimo as quebras no sistema.

Como bem disse o coordenador do Naper, o desafio agora é dominar a tecnologia do bombeamento a energia solar e disseminar a experiência. De imediato, enquanto não se tem uma tecnologia nacional, uma implantação desses sistemas em certa escala poderá oferecer alternativas mais viáveis de aquisição e manutenção dos equipamentos junto aos importadores e fabricantes.

c) Resultados alcançados:

Presenciamos outro gratificante sucesso da agricultura familiar em meio ao semi-árido. A experiência do Naper Solar/ Diaconia é para ser sistematizada e replicada em escala Nordeste à fora. É claro que não se aplica a qualquer realidade de solos e contexto geo-hidrológico.

Trata-se de uma excelente alternativa para áreas de baixio, vales, riachos secos, margens de rio, enfim, para áreas com disponibilidade de água superficial ou em lençóis rasos (que permitam acesso via poços rasos manuais ou poços amazonas). Excelente na sua capacidade de dar respostas rápidas e significativas aos agricultores e no fato de assim motivá-los e estruturá-los para ações de médio e longo prazos como a recomposição, preservação e o manejo adequado da caatinga para as atividades tradicionais de sequeiro: a agricultura e as criações.

O projeto apresentou resultados excelentes no que diz respeito à geração de renda e à segurança alimentar. Chegou a proporcionar receitas brutas de até 400 reais por mês. Tanto o produtor-experimentador de São José do Egito, quanto o outro de Afogados, ambos foram enfáticos ao afirmar isso, como podemos ver nas falas dos agricultores:

“Eu antes não conhecia essa forma de irrigação: o 'xique-xique'. É uma maravilha, quase não gasta água... e com a energia do sol... Eu não tenho despesa nenhuma aqui, só o meu trabalho. Produto químico a gente não usa...”

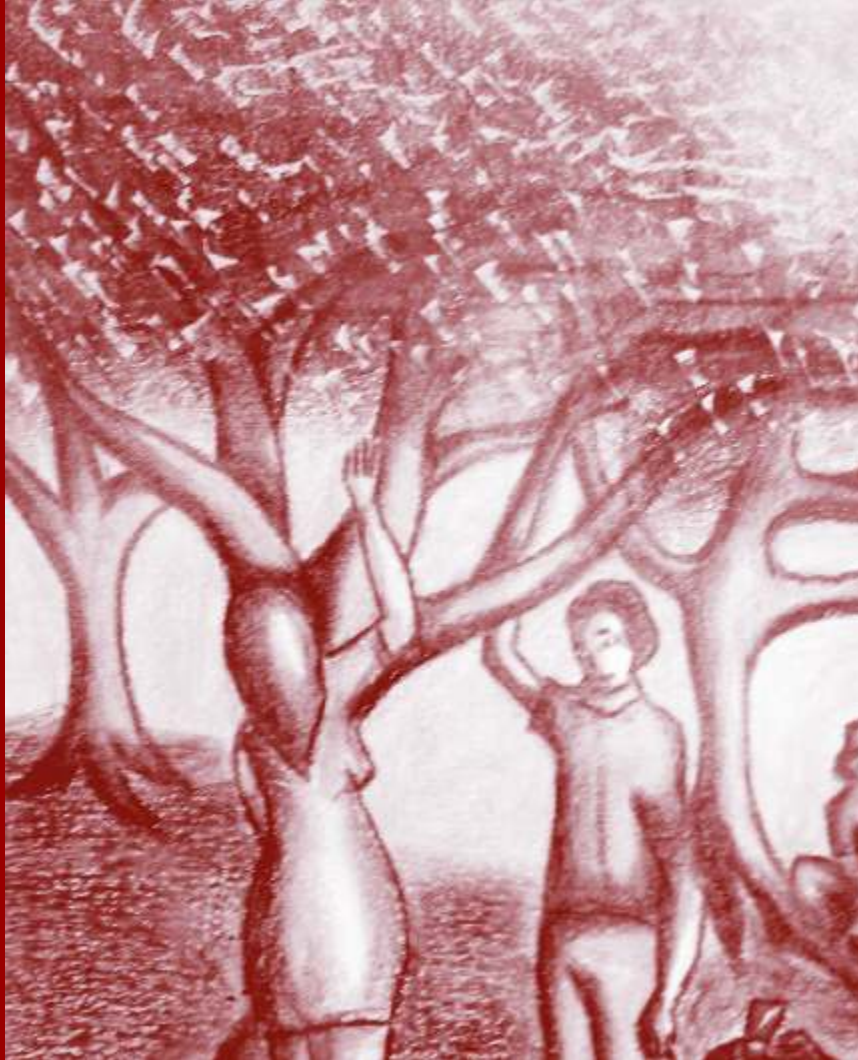
“Isso aqui me deu minha segunda vida. Toda semana eu levo uma carroça cheia de produtos para vender na feira, fica a 16 km daqui do sítio. A carroça e o animal eu já comprei com dinheiro que ganhei daqui”

“Com esse projeto eu já ganhei dinheiro pra comprar uma geladeira, uma novilha e fiz uma reformazinha na casa e um banheiro”

“Contando assim ninguém acredita. Mas vocês tão vendo. Nesse pedacinho de terreno (0,5 ha) eu planto de tudo, até um capinzinho pro gado. E ainda faço aqui umas mudas de planta da mata que depois vão servir de forragem”

“Antes desse projeto eu ia pra feira toda semana precisando comprar de tudo e quase sem dinheiro pra nada. Agora... agora eu já saio deixando minha casa toda abastecida e vou cheio de fruta, macaxeira, batata-doce... e até umas verdurinhas. Vendo tudo, apuro uns 100 reais toda semana. Praticamente só compro na feira agora a carne.”

“Antes eu só ia comprar na feira, hoje eu sou comerciante. Ganho uns 60 reais toda semana e gasto uns 30 a 40 reais com minha feira e ainda volto com um troco. Tô muito contente!”



4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Apoio às Iniciativas Locais Sustentáveis constituiu-se em uma experiência ímpar por envolver 10 instituições em projetos de convivência com o bioma caatinga. A ótica observada de estabelecer uma relação sustentável do produtor rural com o bioma caatinga torna o projeto de uma importância vital para a região semi-árida brasileira.

Alguns fatores podem ser observados como fortes e positivos: a atuação de instituições com uma trajetória dentro da região do semi-árido; a ousadia de se fazer projetos com poucos e limitados recursos é um fator que mostra o comprometimento dessas instituições com as causas sociais localizadas; e, o caráter inovador destes projetos. Todos de uma maneira geral objetivam criar condições que possam gerar autonomia para o produtor rural da região do semi-árido.

Muito nos impressionou a capacidade dos proponentes de realização e multiplicação dos recursos a partir de um financiamento inicial tão pequeno, possibilitado possível pela otimização e combinação dos recursos deste projeto com outros pré-existentes. Tal alavancagem de parcerias e mobilização de recursos é prova de credibilidade e demonstra um novo e promissor papel para o FNMA: ser um catalisador de processos locais de sustentabilidade para a caatinga e o povo do semi-árido.

A iniciativa do FNMA e das instituições executoras deve ser louvada e vista como exitosa em sua plenitude. As falhas apontadas devem ser em parte, sublimadas e creditadas aos poucos recursos e a conseqüente dificuldade de se elaborar e conceber projetos desta complexidade. A idéia do projeto de descentralização e especificação das ações do FNMA visando o Semi-árido demonstrou-se amplamente exitosa. Numa palavra: FRUTÍFERA!

Recomendamos, portanto, que projetos desta natureza tenham continuidade, e que para seu aperfeiçoamento sejam garantidos maiores recursos, permitindo melhores condições de desenvolvimento dos projetos, bem como de seu acompanhamento permanente e possibilitando efetivamente a recriação de alternativas de convivência com o semi-árido nordestino, capazes de gestar a preservação e a ampliação da vida no bioma caatinga.

CONTATOS DAS ENTIDADES GESTORAS dos projetos apresentados

APNE - ASSOCIAÇÃO PLANTAS DO NORDESTE

Av. Gal San Martin, 1371
Bl. 07 - sala 5 - Bonji/PE
Cep 50.761-000
Fone/fax: 81.3446.1486
Correio eletrônico:pne@netpe.com.br

CECOR

Rua Comandante Superior, 1349
Centro, Serra Talhada/PE
Cep: 56.903-492
Fone/fax: (87) 3831.2385
Correio eletrônico:
cecor@netcdl.com.br

FUNDAÇÃO CHAPÉU DE COURO

Projeto em Quixeramobim/CE
Fone: 88 3441 1264 (SEBRAE)

FUNDAÇÃO FÉLIX RODRIGUES

Praça Luiz Gonzaga, 76
Centro - Pendências/RN
Cep: 59.504-000
Fone/fax: (84) 3522-2310
Correio eletrônico:
www.felixrodrigues.org.br

GRUPO COLMÉIAS

Rua Princesa Isabel, 626
Cidade Alta – Natal/RN
Cep: 59.025-971
Cx postal 2731
Fone: (84) 3231-7783
Fax: (84) 3201-9001
Correio eletrônico:
colmeias@digi.com.br
www.colmeias.org.br

INSTITUTO DE ECOLOGIA SOCIAL CARNAÚBA

Rua: Maestro José Pedro, 76 Bloco 2
Sala 12 - Centro – Sobral/CE
Cep: 62.011 260
Fone: (088) 3611 8124
Correio eletrônico:
carnauba@sobralnet.com.br
carnauba@carnauba.org
web: www.carnauba.org.br

INSTITUTO SERTÃO

Rua Castro e Silva, 121 sala 602
Centro - Fortaleza/CE
Cep 60.030-010
Fone: (85) 3253-2422
Fax: (85) 3253-4728
Correio eletrônico:sertao@sertao.org.br

NAPER SOLAR

Rua da Aurora, 555 - Santo Amaro,
Recife/PE - Cep: 50050-000
Telefone: 81 3274-3766
Correio eletrônico:nsolar@terra.com.br

PATAC

Rua Duque de Caxias, 483, Prata
Campina Grande/PB - Cep: 58.108-641
Fone: (83) 3322 4975
Fax: (83) 3380 1127
Correio eletrônico: patac@uol.com.br

SERTÃO VERDE

Rua Prof. Basílio, 43 - Centro, Campo
Grande/RN - Cep: 59.680-000
Fone: (84) 3362 2204
Correio eletrônico:
sertaoverde21@yahoo.com.br

Esta publicação foi composta nas fontes Swiss e Maiandra, impresso na Offset Gráfica em papel reciclato 145 na capa e reciclato 115 no miolo, em março de 2006.



Ministério do
Meio Ambiente

